

Sob as Tramas do Tempo e da Paixão: *Retratos de Carolina* de Lygia Bojunga

Rosa Maria Graciotto Silva¹

Resumo: No contexto da literatura infantil e juvenil brasileira, Lygia Bojunga apresenta uma produção ficcional que tem angariado louvores da crítica nacional e internacional, destacando-se pela abordagem de temas sociais, reveladores da vida contemporânea. Entre as personagens representadas há muitas crianças e jovens que vivem situações de abandono, marginalidade, carência de afetos, presenciando cenas de violência, abuso sexual, estupro e suicídio. É o que ocorre em *Retratos de Carolina*, obra publicada em 2002, que recebeu o selo “Altamente recomendável para o jovem” pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Considerando que as emoções e os laços de afetividade constituem-se em elementos significativos no processo de construção da identidade, este trabalho procura mostrar como se processa a construção da identidade da personagem Carolina, acompanhando o seu itinerário, registrado em retratos dos seis aos vinte e nove anos.

Palavras-chave: Identidade. Emoção. Personagem. Literatura Infantil e Juvenil.

É com *Retratos de Carolina* que eu começo essa nova caminhada. Aqui, eu me misturo com a Carolina, viro personagem também: queria ver se dava pra ficar todo mundo morando junto na mesma casa: eu, a Carolina, e mais os outros personagens na *CASA* que eu inventei. (BOJUNGA, 2002, contracapa)

Com uma produção literária voltada para a infância e juventude,

¹ Doutora em Literatura Brasileira pela UNESP - Rio Preto/SP e Professora da Universidade Estadual de Maringá/PR.

Lygia Bojunga tem-se dedicado nos últimos anos a agrupar toda sua obra em uma morada criada exclusivamente para esse fim. Trata-se da Casa Lygia Bojunga, situada no bairro de Santa Tereza (Rio de Janeiro). *Retratos de Carolina*, publicada em 2002, constitui-se na primeira obra, fruto dessa editora, que se soma às outras vinte obras, todas já inseridas no novo contexto.

Se o texto literário, como produto de seu autor, evidencia a atitude particular de seu criador em sua relação com o mundo, Lygia Bojunga tem procurado atenuar os limites entre o real e a ficção. Os recursos utilizados pela autora ao reorganizar as referências externas por ela selecionadas na criação de seus textos ficcionais atestam esse fim. Aos já conhecidos recursos como a suspensão da narrativa principal e a conseqüente intercalação de outras histórias, notas de rodapé em que a escritora esclarece determinados fatos, inserção de personagens que dialogam com personagens de outras obras da autora, Lygia Bojunga acrescenta um outro: o de transformar-se em personagem, fato recorrente desde a trilogia do livro: *LIVRO: um encontro com Lygia Bojunga Nunes* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991) e *Paisagem* (1992), quando a escritora procura explicitar o seu fazer literário.

Na primeira dessas três obras, Lygia Bojunga revela ao leitor os seus seis casos de amor literário e, ao mesmo tempo, o seu envolvimento com a escrita. É a sua história de leitora e a de escritora que se descortinam ao leitor. Já em *Fazendo Ana Paz*, sentindo a necessidade de abordar de forma mais dramática o ato de escrever, Bojunga cria a personagem Ana Paz, focalizando-a em três momentos de sua vida: aos 8, 18 e 80 anos. Transmutando-se em personagem, a escritora interage com Ana Paz, mostrando ao leitor o difícil e sofrido processo de criação literária. Por sua vez, fechando a trilogia, *Paisagem* promove a interação da leitura com a escrita, reunindo a personagem escritora com os leitores por ela idealizados: Lourenço e a Menina do Lado.

A história de vida da leitora e escritora Lygia Bojunga tem continuidade em outras obras que se seguem à trilogia. *Feito à mão* (1996) e *O Rio e eu* (1999) são obras de cunho autobiográfico, acompanhando-a desde a infância em Pelotas, RS, à adolescência, juventude e maturidade no Rio de Janeiro, Minas Gerais e por outros países, como Inglaterra e México, e que revelam peculiaridades do processo de construção de sua produção literária. O gosto pela escrita,

pelo teatro e pelo artesanal impregna essas duas obras. *Feito à mão*, por sinal, foi realmente confeccionada, em sua primeira edição em 1996, à mão, em um número reduzido de volumes (120), revelando a paixão dessa artesã pela palavra e pelo livro.

É a partir de *Feito à mão* que Bojunga agrega, em quase todas as obras, uma conversa que estabelece com o leitor intitulada “Pra você que me lê”, onde dá explicações sobre a construção do texto, as alegrias e os percalços de seu percurso. Se em outras obras a escritora já se inserira como personagem, agora, o propósito vai além disso. A intenção é mostrar ao leitor, entre outras possibilidades, as moradas da escritora, isto é, os lugares, por ela escolhidos, para o ato de criar, ou melhor, o de viver a literatura. Em *Feito à mão* Bojunga abre ao leitor várias moradas: o *Crow’s Nest*, em Londres; o seu recanto em Santa Tereza, Rio de Janeiro, e o seu refúgio “Boa Liga em um sítio serrano, onde se refugia em busca da paz necessária para poder criar, longe do burburinho da cidade.

Em *Retratos de Carolina* o espaço de “Pra você que me lê” cumpre esse propósito, trazendo as várias moradas da escritora que passam a ser moradas também no plano ficcional. Santa Tereza e Boa Liga cedem espaço à nova morada: o Cata-vento, situado em São Pedro d’Aldeia (RJ). Como Bojunga afirma, o seu desejo é o de “começar a integrar minhas personagens com os espaços (pensando assim: se eu sou uns e outras, por que dissociar uns das outras?), encarando o fato de que agora a gente — meus personagens e eu — passamos, “fisicamente”, a morar juntos.” (p. 164).

Essas considerações preliminares sobre Bojunga e sua produção literária suscitaram-nos algumas indagações, tendo em vista a obra *Retratos de Carolina*: como se processa a construção da identidade de Carolina, levando-se em conta a presença da escritora como personagem? O espaço “Pra você que me lê” integra-se à narrativa de que modo? Os retratos de Carolina estabelecem diálogos com retratos de outras personagens? Em busca de possíveis respostas, adentremo-nos na leitura de *Retratos de Carolina*.

1 COMPONDO RETRATOS E CONSTRUINDO IDENTIDADE

Retratos de Carolina estrutura-se em duas partes. A primeira narra a história de Carolina, revelada através de oito retratos da personagem dos seis aos vinte e cinco anos. A segunda, “Pra você que me lê”, interage com a primeira, mostrando ao leitor a hesitação que perse-

guiu a escritora na concretude dos retratos de Carolina. Ao confidenciar a sua hesitação em pôr um ponto final na personagem, a autora, já convertida em personagem-escritora, antecipa ao leitor a possibilidade de novos retratos, uma vez que o texto em elaboração será “em feitio de história-que-continua” (p. 169). Aos oito retratos agregam-se mais dois. Um construído pela própria Carolina e, outro, pela escritora. Além desses há o retrato da escritora que aflora dos registros efetuados por Carolina, em forma de diário. Estes são retratos construídos em um espaço de quatro anos, que se juntam aos outros vinte e cinco anos da primeira parte.

Considerando a construção da identidade como um movimento contínuo, construído a partir das relações do indivíduo com os seus pares na sociedade, é interessante observarmos como ocorrem os relacionamentos de Carolina, quer no âmbito da família, na sua interação com os pais, ou no ambiente externo, principalmente em seu convívio com os colegas de escola, com as amigas e os amores que surgiram em sua caminhada.

As imagens refletidas nos retratos denotam um processo contínuo de transformações, envolvendo Carolina nos vinte e nove anos em que se desenrolam os fatos. São imagens que refletem a menina, a jovem e a mulher, mas que pouco dizem de seu aspecto físico. Alguns detalhes a esse respeito são fornecidos esporadicamente, indicando-nos que ela é alta e magra, atributos admirados pela amiga Bianca (p. 64), e que Carolina enfatizara ao argumentar com a escritora que por ser alta e magra (p. 168) poderia ter sido modelo em vez de arquiteta.

1.1 Retrato da infância: encantos e desencantos

Ao conceito de identidade que se transforma em um *continuum* agrega-se o da emoção, que é um dos fios condutores dos textos literários de Lygia Bojunga, auxiliando na configuração das personagens em sua individualidade e em sua pluralidade. Nas trocas estabelecidas com o outro, as emoções ocupam um lugar primordial, pois a forma como ocorrem, evoluem e se transformam revela aspectos importantes da constituição da identidade do indivíduo. É o que observamos nos retratos de Carolina. A personagem prima pela emoção, fazendo com que sua imagem surja sempre envolta pelas nuances da amizade, do amor e da paixão, marcas que também são reiterativas de outras personagens bojunguianas. Nessa perspectiva, o

primeiro retrato de Carolina revela uma menina de seis anos em seu convívio com os pais, ansiosa por novas amizades.

Se em *Seis vezes Lucas* (1995) o primado fora o do medo, principalmente o da solidão, advindo da dificuldade do pequeno Lucas em se relacionar com o seu semelhante, em *Retratos de Carolina*, a menina, mesmo sendo filha única como Lucas, não se encontra só. Ao contrário do pai de Lucas, o de Carolina mostrava-se companheiro, amigo, presença constante na vida da filha: “chegava, ia dar um alô pra mulher, trocava de roupa e, no tempo de Carolina pequena, ia logo brincar, jogar, contar histórias pra ela.” (p. 82) Esse convívio cheio de atenção e de amor não permitira que o medo ganhasse espaço, embora, vez ou outra se avizinhasse da menina, como no dia em que a mãe a flagrara brincando de cirurgião plástico com Serginho, seu vizinho. A menina, após levar uma surra da Mãe, ficara com medo de que o Pai não a compreenderia e que não teria mais amor por ela.

Corroborando o posicionamento de Camargo (2006), as emoções e os laços de afetividade constituem-se em elementos significativos no processo de construção da identidade. Assim, nesse primeiro retrato, torna-se nítida a intensa afeição que a filha nutre pelo Pai, assim como se percebe o seu progressivo distanciamento em relação à Mãe.

No processo de construção da identidade de Carolina, a escritora inseriu a paixão como linha mestra, norteadora de todo o interesse da personagem desde a sua infância. A paixão, na perspectiva de Abbagnano (1982), é uma emoção intensa que exerce sobre o indivíduo uma ação de controle e de direção, fazendo com que todo o seu empenho seja voltado para a consecução de seu desejo. É o que observamos em Carolina que se deixa envolver por essa emoção que impregna todos os seus retratos.

Tendo o Pai como modelo, a menina adquire os seus gostos e, entre eles, a paixão pela arte, que canaliza, desde pequena, para a arquitetura.

Além dessa paixão maior, que redundará em sua futura profissão, todos os retratos apontam para uma paixão que emerge com força total para, em seguida, resultar em uma grande frustração.

Assim é que o primeiro retrato tem como foco o desejo da menina em ter “uma amiga-unha-e-carne, corda-e-caçamba, onde-vai-uma-vai-a-outra; uma amiga confidente, uma amiga pra amar”. (p.13). Desejo concretizado ao conhecer Priscilla, sua colega de escola, dois meses mais velha, a sétima filha de um casal em que o pai é cirurgião-plástico e a mãe cantora de ópera.

Carolina canaliza toda a sua atenção na conquista e preservação dessa amizade. É a amiga tão “sonhada, admirada, unha e carne, amiga amada” (p. 14) que, entretanto, não retribui esse desvelo na mesma medida.

O retrato, que a princípio se anunciava colorido pelas nuances do amor do Pai e da amizade de Priscilla, tolda-se pela cor negra sinalizada pelas chineladas que levava da Mãe (a primeira surra de sua vida) e pela traição da amiga que a enganara ao trocar a boneca, prêmio a que tinha direito, pelo Pet, pássaro aprisionado em uma gaiola e que a menina preferiria não ter recebido.

Para Ciampa (2001) e Elias (1994) o conceito de identidade do indivíduo relaciona-se a um processo de desenvolvimento que o acompanha desde o seu nascimento. Cada fase posterior desse processo pressupõe uma seqüência dos estágios precedentes. Nesse sentido, a imagem de Carolina aos seis anos irá repercutir em suas imagens posteriores. O mesmo se aplica à imagem de Carolina aos vinte e nove anos, no último retrato registrado pela narrativa, que traz em si os retratos precedentes, inclusive este, que registra as relações sociais no ambiente escolar. A necessidade de amar e de sentir-se amada e a necessidade de dar e de receber das relações afetivas com o outro encontram-se pontuadas desde esse primeiro retrato, assim como se encontra registrada a não consecução dessas necessidades. Nesse primeiro retrato, o desejo da menina em solidificar a amizade por Priscilla entra em conflito com a incapacidade de realizar esse desejo, disto resultando um retrato de contrastes.

1.2 Retrato da adolescência: paixões e frustrações

O encantamento e a frustração, traços marcantes dessa primeira imagem, reiteram-se nos retratos posteriores. Valendo-se do mesmo processo, a escritora apresenta imagens sucessivas da menina, da jovem e da mulher em que a um encantamento crescente, sucede-se a desconstrução desse encantamento.

Após a dor pela traição da amiga e a dor motivada pelo julgamento, punição e, ao mesmo tempo, incompreensão da Mãe passam-se nove anos que, se levantam conjecturas pela instauração desse espaço vazio, evidenciam, entretanto, a fragilidade e o fortalecimento dos laços afetivos. Se o Pai é figura constantemente presente, atento ao desenvolvimento da filha adolescente, a Mãe mos-

tra-se ausente, pois sua presença quase que desaparece da narrativa.

O segundo retrato concentra-se nos quinze anos de Carolina e na realização de uma viagem com a família pela Europa, há muito tempo sonhada e planejada.

É a paixão pela arte, a paixão por uma cidade e a paixão por um vestido que dão a tônica deste retrato. A primeira realiza-se plenamente com as visitas aos museus (Espanha, França, Itália, Inglaterra). A paixão por Londres, por sua vez, extasia e angustia a jovem Carolina. Os quinze dias destinados a Londres são poucos para saciarem a ansiedade da jovem que sente, antecipadamente, uma perda doída (p. 61). Mas a perda mais intensa fora a do vestido, que extasiara a jovem e surpreendera o Pai por essa inusitada paixão. Este já vira a filha apaixonar-se “por livros, por filmes, por móveis, por casas, por idéias, por lugares” (p.51), mas não por um vestido.

A loja fechada e a impossibilidade de comprar o vestido no dia seguinte deixaram Carolina arrasada: “— Perdido. Perdido pra sempre. Pra nunca mais. — Foi se distanciando devagar da loja. Agora eram duas perdas pra sofrer: Londres e o vestido.” (p. 61). As frustrações dos sonhos da adolescente Carolina não a impediram, entretanto, de continuar envolvida intensamente pela emoção, fato observado por seu pai e que os próximos retratos registram.

1.3 Juventude ao ritmo da paixão: cinco anos, cinco retratos

Os retratos seguintes feitos aos 20, 21, 22, 23 e 24 anos concretizam as conjecturas do Pai que há anos imaginava “em como seria, e por quem seria, a paixão de Carolina por alguém (ela se deixava arrebatada tão intensamente! Será que ia ser o alguém certo pra ela?” (p. 59).

Aos 20 anos Carolina apaixona-se pelo Homem Certo e com ele se casa aos 21 anos. Cega pela paixão, Carolina não ouve os conselhos do Pai e se deixa arrebatada por essa paixão avassaladora, que aos poucos se esvai, de forma frustrante, como revelam os retratos dos 22, 23 e 24 anos.

O desencanto gradativo pelo homem certo vem acompanhado pelo cerceamento da liberdade de Carolina, pela proibição de continuar seus estudos, pelo estupro sofrido (cometido pelo próprio marido) e, principalmente, pelo aborto praticado, eliminando o fruto advindo desse estupro. Além disso, intensificando as frustrações presentes nessa seqüência de retratos, o Pai de Carolina, não suportan-

do um câncer no estômago, em estágio avançado, comete o suicídio. Estupro, aborto e suicídio constituem-se em uma sucessão de imagens reveladoras de aspectos negativos da vida e que se somam às decepções já registradas nos retratos anteriores.

Para compor a identidade de Carolina, a escritora promove a intertextualidade com personagens de outras obras. Na fase em que Carolina se encontra, é nítido o diálogo que estabelece com Ana Paz (*Fazendo Ana Paz*, 1991).

Ana Paz, quando criança, recebera do Pai ensinamentos necessários para que se tornasse uma mulher forte, coerente, obstinada em seus propósitos, tal como a Carranca, figura emblemática escolhida pelo Pai para sintetizar os valores de vida por ele selecionados e repassados para a filha. Mas, ao apaixonar-se por Antônio, a jovem de 18 anos esquecera-se dos valores recebidos e os substituíra por outros, os impostos pelo marido. Somente aos 80 anos, já viúva, com dois filhos e vários netos é que Ana Paz se rebelou e retornou a Pelotas, sua cidade natal, procurando recuperar a casa de sua infância e, com ela, a memória de uma etapa significativa de sua vida.

Por sua vez, Carolina recebera do Pai, não somente na infância, como Ana Paz, mas também na adolescência e juventude, forte ascendência da figura paterna.

Se o Pai de Ana Paz fizera da Carranca a motivação ideal para envolver a menina no processo de sua formação, o Pai de Carolina valera-se do Grande Segredo, “segredando” à filha a descoberta de frestas largas e muitas vezes estreitas que a vida oferece:

(Uma vez, falando de segredos, o Pai da Carolina disse pra ela que a vida é um grande segredo, que vai se desvendando devagar, à medida que a gente vive. Disse que quanto mais a gente presta atenção nele, mais ele se mostra. Mas disse também que, por mais que a gente preste atenção nele, ele jamais se mostra todo. Carolina logo se interessou pelo Grande Segredo. Quis saber mais...)
(BOJUNGA, 2002, p. 16).

Aos 20 anos, Carolina conhece o Homem Certo e por ele se apaixonou. Similar a Ana Paz, Carolina afasta-se de tudo (curso de Arquitetura, trabalho, família, amigos), satisfazendo aos pedidos do Homem Certo, que a queria somente para ele. Embora concordasse

com o Pai “que a paixão é uma emoção que nos cega. Nos confunde. Nos arrasta...” (p. 89) Carolina sucumbe a essa nova paixão:

[...] é isso mesmo que me está acontecendo, eu estou cega pro resto: só vejo ele; eu estou confusa demais: nunca pensei que meu primeiro amor por um homem fosse pegar esse feitio; eu me sinto arrastada pelo olhar dele, pelo jeito dele, pelo cerco dele [...] eu me sinto arrastada por ele, confundida por ele, cegada por ele, ah, pai: paixão (BOJUNGA, 2002, p. 89).

As histórias que o Pai lhe contava, as brincadeiras, as longas conversas ao pé da escrivaninha, no escritório, contribuíram para uma Carolina muito convicta na obtenção de seus desejos: o de ser arquiteta, por exemplo, ou o de se sentir apaixonada: por uma cidade (Londres), um espaço (o escritório do Pai), um vestido (sonho dos 15 anos), o primeiro amor (o Homem Certo). Mesmo intuindo as conseqüências nefastas desse envolvimento com o Homem Certo (40 anos, de família tradicional, rico, bonito, charmoso, vivia do recebimento de heranças, mas era receptivo à bebida e ao “pó”), Carolina deixou-se arrastar por essa paixão, abandonando os 20 anos de construção de sua vida para substituí-los por alguns anos de uma convivência frustrante com o marido que, afinal, não era o Homem Certo.

Onze anos separam Ana Paz de Carolina. A primeira procurou resgatar o seu passado, após 62 anos de convívio com outros valores. Já, Carolina, sentindo-se acuada, tão presa quanto o Pet (o pássaro que ganhara na festa de sete anos de Priscilla), mas amparada pelos conselhos do Pai, conseguiu romper com o Homem Certo, após 4 anos de submissão e de cega obediência às regras e valores que não combinavam com o seu modo de ser.

1.4 Carolina aos vinte e cinco anos: busca de novos caminhos

O retrato dos vinte e cinco anos mostra Carolina já separada do Homem Certo, morando sozinha em um pequeno apartamento alugado. Com essa atitude, Carolina viabiliza a concretização das expectativas que o Pai construía de sua pessoa e que ressaltara no último encontro que tiveram, poucas horas antes de seu desenlace fatal: “Eu sempre te senti corajosa, honesta com você mesma, apta a uma vida plena.” (p. 130)

Neste retrato dos 25 anos a Mãe, que fora sempre tão distante, torna-se presente e tenta reaproximar-se da filha, assim como reaproximá-la do ex-marido. O encontro entre as duas é muito sofrido. Carolina, que tivera a compreensão do Pai para o aborto que praticara, recebe da Mãe uma crítica severa:

Você mata o seu filho, você se separa do teu marido, você se recusa a morar com sua mãe, você despreza uma casa simples, mas confortável (a minha, do seu pai, a nossa casa) e uma casa luxuosa (a do seu marido) pra se enfiar nesse... nessa coisinha aqui, e você acha que eu posso entender uma atitude dessas? Nem eu, nem ninguém! (BOJUNGA ,2002, p. 144).

A mãe que aparecera no primeiro retrato como aquela que pune, que castiga a filha pelos “erros” cometidos, retorna nesse retrato agredindo-a não com chineladas, mas com palavras. Palavras que soam com muita dureza e que intensificam o sentimento de culpa de Carolina. Entretanto, convicta do que deseja para si nesse momento, Carolina mostra-se irredutível em seu propósito de ficar sozinha, sem a Mãe e sem o ex-marido, o que angaria novas repreensões da mãe.

Há muita similaridade entre o primeiro retrato e este que deveria ser o último. Nos dois Carolina deixa-se abater pela culpa e pelo medo. Lá, as frustrações advindas da punição da mãe e da traição da amiga encontram respaldo no carinho e compreensão do Pai. Neste, é também no Pai que Carolina busca socorro. Sem tê-lo fisicamente ao seu lado, em pensamento, extravasa sua angústia:

[...] que que é isso, Pai? Que apagão tão grande é esse que ta de novo tomando conta de mim? Eu tava indo, pai, eu tava caminhando ... Hoje teve até um momento em que eu cheguei a me sentir contente ... Mas agora... É culpa, não é? ... Será que é? ... Custou tanto pr'eu me livrar da culpa com ele...Agora é com ela? ...Será? Me diz, pai, é culpa? É medo? São os dois? É o quê? O que que eu faço? Diz, diz! (BOJUNGA. 2002, p. 153).

Para a superação do medo que aflige Carolina, o recurso utilizado por Bojunga assemelha-se ao de *Seis vezes Lucas*, em que o menino conseguira vencer a Coisa, tipificação do medo, pelo auxílio re-

cebido de Timorato, seu fiel cachorrinho. O espaço onírico em que ocorrer o embate presentifica-se, também, em *Retratos de Carolina*. Simililar ao menino, Carolina adormece e sonha com a travessia de um túnel comprido e muito escuro. Mesmo temerosa, encontrando obstáculos pelo caminho, ela consegue atravessar o túnel auxiliada por uma luz feérica, que dissolve o seu medo e a sua ansiedade. A luz se projeta em uma gaiola que se apresenta com a porta aberta. Carolina reconhece-a. É a gaiola do Pet, com a presença de “um vazio bonito demais: um vazio de libertação” (p. 157).

Ao acordar, só há a imagem de uma Carolina livre de culpas e de medo e com o firme propósito de ser dona de sua vida, pronta para consolidar o seu futuro como arquiteta.

Intuitiva, convicta e obstinada são as características que afloram dos retratos de Carolina e que se firmam nas pinceladas do último retrato da primeira parte do livro:

— Ser dona da minha vida ...
Com essa minha mão
aqui ... eu vou
fazer (BOJUNGA, 2002, p. 159).

2 PRA VOCÊ QUE ME LÊ: HISTÓRIA QUE CONTINUA

Acostumada a trabalhar com a criação de duas ou mais obras ao mesmo tempo, Bojunga expõe na seção “Pra você que me lê” o seu envolvimento com as personagens e como as deixa em compasso de espera, voltando-se para a elaboração de personagens de outras obras. Se em outros “Pra você que me lê” a autora menciona esse recurso composicional é, entretanto, em *Retratos de Carolina* que o processo se desnuda aos olhos do leitor.

Para dar forma à sua intenção, primeiramente, a escritora mostra ao leitor a sua hesitação em pôr um ponto final na história de Carolina, deixando a personagem descansar em Cata-vento, morada situada na região de São Pedro da Aldeia, RJ, lugar onde a escritora, segundo Carolina, “lê pouco, escreve pouco, conversa pouco. É coisa demais pra ver, ela fala. E vê sempre a mesma coisa o céu, o mar, as dunas, a lagoa.” (p. 179). Enquanto Carolina descansa, a escritora dedica-se, em Santa Tereza, à criação de uma peça teatral e à construção de uma personagem do sexo masculino, a que dá o nome de Discípulo. Este se apresenta como um terrorista pacífico, discí-

pulo de Ghandi, com artigos publicados em jornais e revistas, divulgando e incentivando mudanças na sociedade, como reforma agrária e ensino gratuito de qualidade. De boa aparência, tez morena, olhos e cabelos escuros, atados atrás do pescoço, cerca de trinta anos, apaixonado por suas atividades sociais, o Discípulo transita da morada de Santa Tereza para a de Cata-vento. Isto porque, Carolina, convicta de que ela e a nova personagem da autora poderiam viver uma intensa e romântica história de amor, interfere na criação da personagem, trazendo-a para os seus domínios.

Envolvida com novas personagens, a escritora se detém por pouco tempo em Cata-vento. Ao todo são três passagens. Na primeira, a escritora relata seu encontro com Carolina que, revoltada, a questiona pelos oito retratos frustrantes. Na segunda, o seu retorno a Cata-vento serve para intensificar os pedidos de Carolina por novos retratos, assim como para suscitar na personagem o interesse por Discípulo, personagem em construção de uma outra obra da autora. Já, na terceira vez, a escritora desloca-se de Santa Tereza para Cata-vento, no intuito de compor um novo retrato de Carolina, colocando, desta forma, um ponto final no texto.

Ao expor as reflexões e questionamentos de Carolina a propósito da áurea de encantamento e de frustração que marcaram seus oito retratos, Bojunga abre espaço para inserir explicações ou justificativas das escolhas por ela efetuadas na criação da personagem e de seu destino:

Eu concordo com você, Carolina, a Priscilla e a família dela davam um monte de retratos coloridos. Mas eu estava a fim de preto e branco, o que eu posso fazer? Estava a fim de te fazer descobrir bem cedo que amor e ódio andam assim, ó juntinho um do outro; ‘tava a fim de te mostrar de saída a dor de uma traição” (BOJUNGA, 2002, p.166).

Retrato por retrato, a escritora justifica o porquê das frustrações e, ao mesmo tempo, aponta aspectos que considera positivos em Carolina:

[...] mão espalmada: grande, forte, sem esmalte na unha curta, sem anel em dedo nenhum: mão de quem vai mesmo abrir um caminho, ... ((BOJUNGA, 2002, p. 165).

[...] Eu te retratei estudiosa, corajosa, criativa, eu te fiz

valorizar uma coerência com você mesma, (BOJUNGA, 2002, p. 166).

[...] eu compensei tuas decepções com essa tua determinação de abrir um caminho com essa tua mão aí. (BOJUNGA, 2002, p. 181).

Ao construir a identidade de Carolina, Bojunga possibilita que nela se encontrem características de outras personagens. Se o caráter obstinado de Raquel (*A bolsa amarela*, 1976) manifesta-se com intensidade em Carolina, tanto na primeira, quanto na segunda parte da narrativa, é, entretanto, com *Fazendo Ana Paz* que *Retratos de Carolina* estabelece um diálogo mais intenso, quer pelo prisma da construção das personagens ou da obra em si.

Em *Fazendo Ana Paz*, a personagem Ana Paz, exigente e obstinada, dialoga com a escritora (também personagem), solicitando, ou mesmo, exigindo um direcionamento à sua história e que sua personagem seja aceita com seu potencial de ambigüidade. Semelhante situação ocorre com Carolina que também interpela, obstinadamente, a escritora para que sua história tenha continuidade, com pelo menos mais um ou dois retratos. Entretanto, em *Fazendo Ana Paz*, as interpelações de Ana Paz ocorrem durante a elaboração da história, marcando as hesitações, os desacertos e também os acertos das escolhas efetuadas pela escritora. Em *Retratos de Carolina* tal fato somente ocorre, na segunda parte da narrativa, em “Pra você que me lê”.

Se o propósito da inserção do “Pra você que me lê” era o de integrar as personagens aos espaços físicos ocupados pela escritora, ele não se mostra prioritário. Nesse primeiro encontro com a personagem Carolina, fica nítida a intenção da escritora em nortear a compreensão do leitor quanto ao entendimento da história exposta. Além disso, o recurso de deixar a personagem por uns tempos reclusa em Cata-vento, se, por um lado, corrobora uma das peculiaridades do processo criativo de Lygia, que consiste em sua dificuldade em se desligar das personagens, como afirma Carolina: “ela custa demais pra se separar da gente de vez” (p.191), por outro lado, é um recurso que possibilita a concretização da conversa em “feito de história-que-continua” (p. 163). Focalizando como se processa o seu fazer literário, expondo-o ao leitor, no ato mesmo de sua criação, Bojunga reitera a técnica por ela já utilizada em *Fazendo Ana Paz* (1991), quando da

construção da personagem Ana Paz. Entretanto, apontando um outro viés, a autora cede espaço para a personagem tomar as rédeas desse processo e criar não só o seu próprio retrato, como também, o retrato da escritora.

2.1 Ficção e realidade se entrelaçam: novos retratos

Em seu auto-retrato, aos 26 anos, Carolina concretiza o seu desejo de “criar com paixão! Namorar com paixão! Viver com paixão!” (p. 211). No mundo de sua imaginação, Carolina redime a frustração amorosa de seu envolvimento com o Homem Certo e vive momentos de paixão intensa com aquele que intuía, desde o primeiro instante em que tomara conhecimento da nova personagem da autora, de que era alguém a ela predestinado.

Para viabilizar este auto-retrato, que reitera facetas de sua imagem expostas nos retratos anteriores, como a intuição, a intensa emotividade, a convicção do que almeja para si, tanto no campo afetivo, quanto no profissional, Carolina se expõe, registrando, em forma de diário, o seu tempo no Cata-vento, durante a ausência da escritora. São 14 registros efetuados entre 8 de setembro a 30 de novembro que revelam muito de si e da escritora.

Ao organizar sua experiência emocional, partilhando-a com o outro, o indivíduo é levado a reevocar as emoções, sentindo e, ao mesmo tempo, ressignificando seu estado emocional, como pondera Rimé (1993). Assim, os registros efetuados por Carolina atuam como uma forma de reevocação emocional, auxiliando a personagem a uma melhor compreensão do processo de construção de sua identidade. Carolina sabe o que quer e luta pela consecução de seus objetivos.

Os registros servem, além disso, para colocar o leitor a par dos acontecimentos narrados e, principalmente, para que tome conhecimento de situações de vida da escritora, participando de suas emoções e sonhos. Transformando-se em personagem, a escritora aproxima-se do leitor, tornando-o cúmplice de sua maneira de ser e de agir.

Ao delegar à Carolina o exercício da ficção, Bojunga viabiliza que se desvende ao leitor o envolvimento da escritora com os livros e com suas moradas: Boa Liga, Santa Tereza, Cata-vento, enfatizando o tempo dedicado à construção desses espaços e a importância por eles adquiridos: “cada uma dessas moradas a que ela dá forma, depois

vai formando ela. Ela e a gente.” (p.178). Com esse recurso, Bojunga promove a fusão entre o real e a fantasia, cumprindo o propósito de integrar os espaços reais com os ficcionais em uma única morada.

Pelo olhar de Carolina, que se coaduna com o da escritora, o leitor é levado a refletir sobre assuntos que abalaram o mundo como a destruição das torres gêmeas no *World Trade Center, New York*, no dia 11 de setembro de 2001, e a ação de terroristas, simbolicamente representados pelo Discípulo (pacifista) e por Tânia, sua namorada (terrorista propensa à missão suicida), assim como é levado a rememorar a criação de Brasília e a satisfação dos arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, responsáveis pelo plano piloto, planejamento e execução da nova capital do Brasil.

Os registros de Carolina apontam, ainda, a devastação da natureza nas imediações de São Pedro da Aldeia, lugar que a escritora escolheu para a sua morada do mar. As dunas e as salinas de Massambaba e Praia Seca, o mar encapelado, os cata-ventos e, acima de tudo, a lagoa cativaram a escritora. Entretanto, dia após dia, a natureza se vê agredida pela mão-do-homem: “a salina virou um loteamento vale tudo, que dizer, sem planejamento” (p. 179). Mesmo sendo área de preservação ambiental, sob supervisão do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais, as invasões acontecem desordenadamente, sustentadas por justificativas como essas:

[...] se é invasão de pobre a gente tem que respeitar: o importante é quem não tem casa passar a ter; se é invasão de rico, quer dizer, loteamento, também é bom: dá emprego, atrai veranista, ajuda o comércio local (BOJUNGA, 2002, p. 197).

Se Carolina resolveu sua frustração amorosa, criando na imaginação uma situação idílica com o Discípulo, é também, por meio desse recurso, que busca realizar-se como arquiteta, ao elaborar um plano de restauração arquitetônica do vilarejo, onde a escritora a deixou. Para isso imagina uma situação em que é auxiliada pelo prefeito de Arraial que lhe dá “carta branca” para executar o projeto, com verbas do Fundo Monetário Internacional:

— Nosso município vai ganhar um bolão. Justo pra isso: salvar nossas riquezas ambientais; restaurar nosso patrimônio arquitetônico. Vamos acabar com essa polui-

ção toda que anda por aí, dona Carolina! Inclusive o visual: reestruture! Bote abaixo! (BOJUNGA, 2002, p. 176).

Assim, embora no início de suas anotações a personagem registre sua dependência da escritora, constatando que “não adianta querer planejar a minha vida, o meu trabalho, nada! eu ainda dependo dela pra tudo”. (p.173), Carolina, na tentativa de romper com essa expectativa, cria um auto-retrato coerente com a satisfação de seus anseios.

Necessitando da escritora para que esta transforme em realidade o que planejara e registrara em seu diário, Carolina é atendida com relação ao aspecto profissional. Compondo o retrato da personagem aos 29 anos e, desta forma, integrando-a à seqüência dos retratos anteriores, a escritora mostra, primeiramente, a personagem já como arquiteta, trabalhando em um escritório de arquitetura, “desenhando e calculando detalhes de plantas que outros arquitetos criam” (p.209), o que é frustrante, pois não condiz com o seu sonho de “criar inteiro, criar redondo, quer dizer, criar ela mesma espaços que vão ser levantados” (p. 209).

Contrariando a estruturação dos retratos anteriores, este se inicia com o predomínio do preto e do branco, mostrando a personagem cumprindo tarefas que se repetem todos os dias, sempre redesenhando e recalculando a planta, constantemente reelaborada “pra ficar mais econômica e ser mais competitiva” (p. 210). O fato de ter um emprego que lhe possibilitara saldar as dívidas e até a comprar um terreno na serra, similar ao que fizera a escritora com a Boa Liga, isto não atenuou os traços negativos deste retrato, fazendo-a entrar em profunda depressão. Entretanto, promovendo um movimento ascendente, a escritora providencia um reencontro de Carolina com Priscilla, sua amiga de infância que, redimindo-se da traição efetuada no passado, convida Carolina para ser a arquiteta responsável pelas novas instalações de uma fundação, pertencente ao pai de Priscilla, e que ela e o marido, também arquiteto, dirigem.

Com essa promoção no âmbito profissional a escritora considera terminado o retrato, assim como a história de Carolina. No último encontro, a escritora reitera a importância da personagem em abrir o seu próprio caminho:

[...] Com esse teu retrato aos vinte e nove anos eu quis deslanchar a tua profissão, a tua criatividade, a tua independência econômica e, acima de tudo, a tua confiança

nessa tua mão aí. O resto, Carolina, inclusive essa tal história de amor que você tanto quer viver, isso ... e os mais ... virão como consequência pode ter certeza” (BOJUNGA, 2002, p. 290).

O propósito de Lygia Bojunga de integrar as personagens ficcionais às suas moradas e, conseqüentemente a ela mesma, coaduna-se, assim, com o perfil de Carolina que além de estabelecer diálogos com outras personagens do mundo bojunguiano apresenta semelhanças com a própria escritora, principalmente pelo gosto de fazer à mão, de abrir o seu próprio caminho, com garra e determinação.

3 A BALANÇA EU-NÓS: PERSONAGENS E LEITOR

O pronome “eu” careceria de sentido se não entrasse em sintonia com os outros pronomes pessoais, pois não há identidade-eu sem identidade-nós. O que varia é a ponderação dos termos na balança eu-nós, como teoriza Elias (1994).

Os retratos de Carolina construídos em seus vinte e nove anos de existência denotam a importância do *habitus* dos grupos sociais por ela individualizados, principalmente, o da família. Filha única, Carolina apreendeu e incorporou à sua singularidade as variações dos termos eu/nós, tão presentes nas relações estabelecidas entre os sujeitos desse grupo.

Para o Pai, o “nós” tornou-se preponderante ao se esquecer de si mesmo, tentando dar continuidade a uma união conjugal feita de aparências, mas que julgava necessário preservar, pois a filha e a mulher eram dele dependentes. Até mesmo ao praticar o suicídio, o Pai optou por esse ato, para não deixar sua mulher desamparada financeiramente, uma vez que os gastos com seu estado de saúde poderiam dilapidar o patrimônio do casal.

A Mãe, sob a perspectiva do Pai, foi “programada pra achar que, se as contas são pagas, o conforto assegurado, a família agregada, a casa limpa e arrumada, então tudo está bem, o resto não chega a interessar” (p.119). A Mãe, necessitando do nós, mostrou-se incapaz de estabelecer as trocas necessárias, como se constata no sofrido encontro da mãe e da filha, quando Carolina, buscando compor seu novo mundo, distanciou-se daqueles que lhe eram próximos: a mãe e o ex-marido. Não aceitando para si o modelo de

vida construído pela Mãe, Carolina empreendeu novas buscas, fora do convívio familiar.

O aborto, a separação do casal e a opção por viver sozinha contribuíram para que o “eu” adquirisse maiores proporções, mostrando a personagem enclausurada. O equilíbrio procurado entrou nas vias do possível somente na segunda parte da narrativa, motivado, em parte, pela interferência da escritora, transformada em personagem. Por outro lado, pesou na balança o interesse de Carolina em sair do ostracismo, primeiro imposto por ela própria e, depois, pela escritora. A reclusão em Catavento serviu-lhe como um período de reflexão, em que os registros em seu diário tiveram um papel preponderante, auxiliando-a na reestruturação de sua identidade.

Findos os retratos expostos na narrativa e finda a leitura de *Retratos de Carolina* ficam conjecturas sobre o papel da literatura, considerando-se a construção do retrato do leitor.

Se a identidade da personagem Carolina fez-se de forma contínua, beneficiando-se das relações estabelecidas com seus pares na sociedade, podemos pensar, nesse sentido, sobre o papel da literatura na construção da identidade do leitor. Este, ao entrar em contato com o outro da ficção, interage com as possíveis situações de vida expostas no mundo narrado. Aos seus olhos descortinam-se sensações, emoções e conflitos vivenciados por seres de papel, mas que são representativos de uma realidade possível.

O mundo representado no texto, considerado “como se” fosse real na concepção iseriana, orienta o leitor para algo que não existe, mas, ao mesmo tempo, permite-lhe que visualize a possibilidade de sua existência real. O ficcional manifesta-se então, como um meio propício para que o imaginário do leitor se manifeste, fazendo, como afirma Iser (1999, p. 73), “o invisível tornar-se concebível”.

Podemos cogitar que se foi dada à personagem a possibilidade de reorganizar o seu estado emocional, encaminhando-a a uma ressignificação de sua identidade, o mesmo efeito torna-se possível de repercutir no leitor. A reiteração das emoções do outro e os novos conhecimentos que lhe foram agregados podem propiciar ao leitor uma visão renovada, tanto das emoções quanto das ações viabilizadas pelas personagens. Ao leitor é propiciada a possibilidade de reagir e de interagir com que o outro lhe apresenta, obtendo, assim, instrumentos para selecionar e organizar o que lhe apraz ou o que lhe servirá como auxílio na construção de sua própria identidade.

Abstract: *In the children's and juvenile's Brazilian literature context, Lygia Bojunga presents a fictional production that has been rising praises from the national and international critic, being highlighted by the use of social themes, contemporary life revealing. Amid the characters represented, there are many children and youths that live situations of neglect, marginality, affectionless, witnessing scenes of violence, sexual abuse, rape and suicide. That's the plot at Retratos de Carolina, work published in 2002, that was awarded the seal "Highly recommended for youths" by the National Foundation of Children and Juvenile Book. Accounting that the emotions and affective links are the main elements in the identity construction process, this work tries to show how is processed the character Carolina's identity construction, following her itinerary, registered in pictures from six to twenty nine years old.*

Keywords: *Identity. Emotion. Character. Children's and Juvenile's literature.*

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. coordenada e rev. por Alfredo Bosi. 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

BOJUNGA, Lygia. *Seis vezes Lucas*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1995.

_____, *Feito à mão*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1996.

_____. *O Rio e eu*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1999.

_____, *Retratos de Carolina*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2002

CAMARGO, Denise de. Emoção, primeira forma de comunicação in CAMARGO, Denise e BULGACOV, Yara Lúcia Mazziotti (Orgs). *Identidade e emoção*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2006, p. 23-33.

CIAMPA, Antonio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina*. 7ª. impressão da ed. de 1987. São Paulo: Brasiliense, 2001.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário in Rocha, João César de Castro (Org.) *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p. 63-77.

NUNES, Lygia Bojunga, *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1976.

_____, *LIVRO: um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1988.

_____, *Fazendo Ana Paz*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1991.

_____, *Paisagem*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1992.

RIMÉ, B. Le partage social des émotions. In B. Rime e K. Scheras (Orgs). *Textes de base*. Neuchâtel-Paris: Delachauz & Niestlé, 1993, p.271-301.